

**TRANSLINGUAGEM:  
PARA ALÉM DAS LÍNGUAS AUTÔNOMAS<sup>226</sup>**

*Gisele Ottoni Tamez da Costa (UEMS)*

*[tamez.gisele@gmail.com](mailto:tamez.gisele@gmail.com)*

*Ruberval Franco Maciel (UEMS)*

*[ruberval.maciell@gmail.com](mailto:ruberval.maciell@gmail.com)*

**RESUMO**

O presente artigo traz um recorte da pesquisa de mestrado *Translinguagem: um levantamento dos estudos brasileiros*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. A pesquisa teve como objetivo principal construir um panorama acerca das pesquisas de translinguagem no Brasil no âmbito de produções de dissertações de mestrado e teses de doutorado. No desenvolvimento do trabalho utilizamos a pesquisa bibliográfica exploratória de natureza documental, em relação ao conceito e prática da translinguagem e a interação e comunicação para além das línguas autônomas. Os dados analisados evidenciaram que a translinguagem se constitui como mudança de paradigma nas abordagens de outros meios e modos de linguagem mais expansivos e sociais.

**Palavras-chave:**

**Translinguagem. Translingualismo. Práticas translingües.**

**ABSTRACT**

**Translanguaging: beyond languages.** This article presents an excerpt from the Master's research *Translanguaging: a survey of Brazilian studies*, developed in the Postgraduate Program in Letters, State University of Mato Grosso do Sul. The main objective of the research was to build an overview of research on translanguaging in Brazil, in the scope of the production of master's and doctoral thesis. In the development of the work, we used exploratory bibliographic research of a documentary nature, in relation to the concept and practice of translanguaging in addition to the interaction and communication beyond autonomous languages. Data analyzed shows that translanguaging constitutes a paradigm shift in the approach to other media and more expansive and social modes of language.

**Keywords:**

**Translanguaging. Translingualism. Translingual Practices.**

**1. Introdução**

Neste artigo, procuro discutir a translinguagem, enquanto conceito central, que nos convida a uma mudança de olhar pós estrutural. A perspectiva da translinguagem percorre contextos além-educação associando-

---

<sup>226</sup> Neste artigo, tratam-se línguas autônomas e línguas nomeadas como sinônimas.

-se a comunicação semiótica na construção de significados e sentidos mais amplos nas inter-relações sociais. Dessa perspectiva, contextualizo o seu surgimento e como vem sendo definida e ressignificada por diferentes autores internacionais e nacionais.

## **2. Origem da translanguagem**

Em 1994, Cen Williams, em um contexto de educação bilíngue, no país de Galês, utilizou o vocábulo *traswhei* pela primeira vez, referindo-se a uma pedagogia bilíngue específica, com a qual pretendia revitalizar a língua local como também em inglês.

Anos depois, em 2001, nos Estados Unidos, o termo foi traduzido para a língua inglesa como *translanguaging* por um dos seus colaboradores, Colin Baker, um estudioso da área da educação bilíngue. Esses estudos em contato com as pesquisas de Ofelia Garcia sobre a temática apresentaram como resultado um entendimento mais amplo e expressivo da translanguagem em múltiplas situações complexas de bi ou multilinguismos nas salas de aula em situações formais e informais de escolas públicas na cidade de New York.

Foi naquela cidade – onde centenas de culturas e línguas se encontram – que o conceito da translanguagem espalhou-se rapidamente, principalmente no contexto das salas de aula. Em um de seus primeiros livros, Garcia (2009, p. 44) considerou a translanguagem como ‘uma abordagem ao bilinguismo que não é centrada nas línguas, mas nas práticas dos bilíngues que são prontamente observáveis’<sup>227</sup>.

De acordo com os estudos da autora, a translanguagem ultrapassa as noções de bilinguismo que pressupõem o conceito de uso de línguas em situações separadas, de forma autônoma e independente. Segundo Garcia, a translanguagem compreende as práticas sociais dos falantes em situações de comunicação, acessando diferentes recursos linguísticos e semióticos das línguas.

Assim, é possível afirmar que translanguagem é a maneira natural pela qual os bilíngues encontram modos criativos de se comunicarem e fazer sentido, escolhendo seu repertório linguístico mental. Por esse mo-

---

<sup>227</sup> [...] an approach to bilingualism that is not centered on languages as has been often the case, but on the practices of bilinguals that are readily observable. (GARCIA, 2009, p.44)

tivo não se restringe à sala de aula, constituindo-se em uma teoria e prática de linguagem comum para todos os interlocutores, inclusive os monolíngues, que necessitam escolher, de sua gramática mental, quais léxicos usarem conforme o contexto em que se encontram (GARCIA, REID, OTHEGUY, 2015, p. 284).

Dessa perspectiva, é importante considerar o prefixo *trans-* que compõe a formação/composição da palavra translíngua, tendo em vista que dá ao sentido dessa palavra um caráter transformativo que “vai além”, evidenciando que os sujeitos pensam além das línguas de forma isolada. Considerar essa questão levou-me a melhor detalhar em um subitem o prefixo *trans-* e as perspectivas relacionadas a cada parte do vocábulo pelos autores mais envolvidos nos estudos da translíngua.

### **3. Implicações do prefixo *trans-* e perspectivas translínguas**

Como acima referido, antes de tratar especificamente da palavra translíngua, considero importante explicitar a sua formação para compreender o que de fato significa sendo acrescida do prefixo de origem latina *trans-*. Recorro, para tanto, à gramática normativa no item em que trata da formação das palavras, principalmente em relação aos afixos que se subdividem em: prefixos e sufixos que constituem o processo de derivação nomeado de prefixal e sufixal. Dessa maneira, esse processo é resultado de um prefixo e um sufixo a uma palavra primitiva que, mediante essa união, tem o seu sentido alterado formando novas palavras que, de acordo com Cunha e Cintra (1985, p. 83-4) “conservam de regra uma relação de sentido com o radical derivante”, podendo sofrer mudança de classe gramatical.

De fato, o prefixo *trans-* possui diferentes sentidos: de movimento para além de, posição além de., como podemos observar nos exemplos a seguir:

Transnacional >> Que vai além das fronteiras nacionais.

Transamericano >> Que atravessa a América.

Transacionar >> Fazer transações ou negócios.

Em uma época de rápidas transformações ocasionadas pelo fenômeno da globalização, pelas constantes atualizações tecnológicas, bem como mudanças sociais e políticas, vários são os vocábulos encontrados denotando mudança e movimentação. Em se tratando dos estudos lingüís-

ticos e, de forma mais específica, da linguística aplicada, encontramos o vocábulo translinguagem constituído pelo prefixo *trans-* + linguagem enquanto prática social e pedagógica realizada no contexto das línguas adicionais, especialmente com a língua inglesa por falantes bilíngues.

Reconhecer que o indivíduo bilíngue se apropria de práticas complexas necessárias ao desenvolvimento da comunicação se constitui, portanto, em um convite a uma mudança de paradigma, que questiona os nossos conhecimentos quanto à sociedade e como nos relacionamos com a linguagem e o campo do ensino de línguas. A partir desse novo olhar, ‘a translinguagem é um ato utilizado por bilíngues de acessar diferentes recursos linguísticos ou vários modos do que é descrito como idiomas autônomos, a fim de maximizar o potencial comunicativo’<sup>228</sup> (GARCIA, 2009, p. 140, tradução minha). Desse modo, o prefixo *trans-* aponta para o transcender dos sistemas estruturados de uso das línguas.

Melhor dizendo, a translinguagem é um ato em que os estudantes usam a linguagem e o repertório bem como os aspectos semióticos quando necessitam se comunicar, sendo estimulados ao desenvolvimento da nova língua. Em outro artigo, a autora (GARCIA, 2015, p. 219) menciona que a translinguagem se constitui em uma prática fluida do linguajar, apontando para o seu aspecto transformador. “I.e. a translinguagem desafia a hierarquia das práticas linguísticas que consideram algumas mais valiosas que outras”<sup>229</sup> (GARCIA, 2009, p. 140, tradução minha). Outros estudiosos, contemporâneos da autora que também compreendem que o termo seja mais coerente com a fluidez dessas práticas são Li Wei e Suresh Canagarajah. No entanto, esses estudiosos também justificam a sua preferência pelo uso do termo tanto pelo prefixo *trans-* como pelo radical e sufixo *-ing* em *languageing*.

Antes de prosseguir, é importante ressaltar que o sufixo *-ing* na formação de palavras da língua inglesa tem mais de um sentido. Os principais, são, em primeiro lugar “Quando se refere a uma ação, atividade ou processo de maneira genérica”<sup>230</sup> (COLLINS COBUILD ENGLISH

---

<sup>228</sup> Translanguaging is the act performed by bilinguals of accessing linguistic features or various modes of what are described as autonomous languages in order to maximize communicative potential. (GARCIA, 2009, p. 140)

<sup>229</sup> i.e. it attempts to wipe out the hierarchy of languaging practices that deem some more valuable than others. (GARCIA, 2015, p. 219)

<sup>230</sup> You often want to refer to an action, activity, or process in a general way. (COLLINS COBUILD ENGLISH GRAMMAR, 1990, p. 23)

GRAMMAR, 1990, p. 23, tradução minha), compreendendo o sufixo – *ing* como ação, no gerúndio, no sentido de continuidade de algo que esteja acontecendo: *Translanguaging*, isto é, translinguando. Um segundo sentido é aquele que identifica esse sufixo como atividade ou processo *translanguaging is what bilinguals do*. (A atividade da translanguagem é o que bilíngues fazem), ou seja, a ação/prática ao se comunicar fazendo sentido. Vale ressaltar que, com o acréscimo do sufixo *-ing*, em sua formação, o vocábulo translanguagem, neste caso, muda de classe gramatical, funcionando como um substantivo, ou seja, o gerúndio na língua inglesa, sempre formado com o sufixo *-ing*, também constitui função de substantivo de acordo com o sentido da frase.

Em seu livro, Canagarajah (2013) preferiu adotar e usar o termo *Translingualpractice* ao invés de *Translanguaging*, pois, “a prática translíngue captura os processos subjacentes comuns e as orientações motivadoras destes modos comunicativos”<sup>231</sup> (CANAGARAJAH, 2013, p. 14, tradução minha). Em outro momento, Canagarajah menciona que<sup>232</sup>:

O termo prática translíngue melhor reflete o uso dinâmico da língua e mais precisamente captura o sentido de como os recursos semióticos do repertório de alguém ou em sociedade interagemois de perto, se tornando parte de um recurso integrado e aumentam e reforçam o outro (CANAGARAJAH, 2013, p. 16) (tradução minha)

Outro ponto em relação ao uso do termo *Translingual* ou Translíngue defendido por Canagarajah, compreende que, diferentemente da translanguagem pela perspectiva educacional, a prática translíngue valoriza as práticas sociais dosbi/multilíngues, articulando modos e sistemas semióticos como formas criativas que se adaptem às necessidades dos interlocutores.

O autor afirma que quando as línguas entram em contato, há maior possibilidade de interação e comunicabilidade entre os sujeitos. Abre espaço, assim, para resultados imprevisíveis ao longo da negociação de sentidos. É importante ressaltar que a prática translíngue é caracterizada pela disposição comunicativa dos indivíduos ao se ajustarem à diversidade, sensível às diferenças de poder que vão além da eficiência. Em um

---

<sup>231</sup> [...] translingual practice to capture the common underlying processes and orientations motivating these communicative modes. (CANAGARAJAH, 2013, p. 14)

<sup>232</sup> Suggests the term translingual practice better reflects dynamic language use and more accurately captures how “the semiotic resources in one’s repertoire or in society interact more closely, become part of an integrated resource, and enhance each other. (CANAGARAJAH, 2013, p. 16)

mundo cada vez mais globalizado e em espaços mais cosmopolitas, comuns são as situações de contínua sociabilização. Nota-se, dessa maneira, que essas ideologias tratam da comunicação, partindo de diferentes interesses sociais.

Em seu artigo, *Translingual Practice as Spatial Repertoires. Expanding the Paradigme beyond Structuralist Orientations* Canagarajah (2017) apresenta o *translingualism* (translingualismo), justificando o prefixo *trans-*, além das práticas comunicativas verbais e da interação, gerando novas gramáticas e significados, além de transcender as línguas autônomo-se suas estruturas separadas.

Assim, o autor emprega vocábulos similares como práticas translíngues e translingualismo e nos convida a considerar que as práticas comunicativas não ocorrem apenas com recursos verbais, ponderando que o translingualismo se apresenta em situações mais móveis, expansivas, situadas e holísticas.

Fundamentada nos três precursores internacionais da translinguagem e nos motivos pelos quais aprovam o prefixo *trans-*, procedo a reflexões sobre a translinguagem e porque essa abordagem é valorizada, cada vez mais, em um mundo de complexas possibilidades de produção de sentido que vai além das línguas autônomas.

#### **4. Conceito e fundamentos teóricos**

*Translanguaging* ou a translinguagem, como já referido, vai além dos sistemas ou idiomas, preocupando-se com o sentido multissensorial no recurso de negociação de sentido (*meaning making*). Ofélia Garcia (2009) considera que além de capacitar a compreensão, em sua origem, a prática da translinguagem dá apoio ao desenvolvimento bilíngue, possibilitando a visão de que bilíngues ou multilíngues usam características de um sistema linguístico único ou repertório linguístico em contextos de comunicação, privilegiando *performances* bilíngues e não monolíngues.

Para uma melhor compreensão dessa perspectiva, as autoras Vogel e Garcia (2017) apresentam três fundamentos teóricos para a translinguagem na educação bilíngue. A primeira, já mencionada, é de que os indivíduos bilíngues ou multilíngues se comunicam apropriando-se de características de um único sistema linguístico e não de diferentes sistemas. A segunda propõe a perspectiva de que o bi ou multilinguismo pri-

vilegia este sistema único, acima de linguagens nomeadas. O que evidencia o terceiro fundamento teórico, é a expressão da linguagem sem preocupações ligadas à geografia, à classe social, ao gênero, entre outros aspectos característicos da hierarquização colonial de línguas nomeadas e seus efeitos de injustiça educacional e social. Ademais, reconhece os efeitos da linguagem nomeada socialmente construída com suas concepções de línguas puras e ideologias concernentes à raça, classe e superioridade de gênero, aspecto este preocupante ao considerar os efeitos aos falantes de línguas minoritárias.

Ao expandir mais a respeito dos aspectos teóricos quanto a um único sistema linguístico, a translíngua traz, de acordo com Garcia (2009), um novo olhar ao bilinguismo. Afirma que o bilinguismo é dinâmico e a língua não é autônoma, fazendo com que o bilíngue ou multilíngue transite entre as línguas do seu repertório linguístico, em um único sistema integrado, selecionando o que será usado no momento da comunicação.

Essa percepção holística foi proposta inicialmente por Grosjean (1982), pesquisador em bilinguismo e psicolinguística. No final do século XX, pesquisadores começam a modificar as suas concepções quanto ao conceito de bilíngue, vigente na época, que se constituía por dois monolíngues em uma só pessoa. O bilíngue passa a ser visto como altamente hábil no uso de mais de uma língua, no entanto, sem a competência em ambas as línguas de modo igualitário. Na visão holística, há uma coexistência das duas línguas e a fluidez entre essas línguas sucede conforme as necessidades do bilíngue em seu cotidiano. Com essa nova visão, estudos com os bilíngues passam a ser conduzidos a partir do repertório linguístico e do seu uso conforme as convivências e os contatos em diferentes momentos da vida.

## **5. Aspectos pedagógicos**

Estudiosos da translíngua, Garcia (2009) e Wei (2017), reconhecem-na como uma teoria prática social e pedagógica nascida da observação em sala de aula, com o objetivo da revitalização do idioma galês. O que define a translíngua é a permissão dada ao aluno de praticar seu repertório linguístico em ambas as linguagens. Dessa forma, dá sustentação ou apoio e compreensão ao idioma ou dialeto menos conhecido ou usado em um determinado contexto, reconhecendo a translíngua como uma prática pedagógica.

Ademais, analisada pela perspectiva de prática pedagógica, a translinguagem valoriza o aluno e suas práticas comunicativas acima da sua língua. Desse modo, dá atenção à sua criatividade durante os seus atos comunicativos ao incorporar suas práticas linguísticas familiares à nova língua, ajudando-o a reconhecer as diferenças e desenvolver as suas habilidades linguísticas e acadêmicas.

Poza (2017) afirma que a translinguagem na literatura tem sido mencionada como termo que descreve a prática de bilíngues e desafia conceitos anteriores de linguagem como também especificamente proporciona a equidade escolar com estratégias pedagógicas mais socioculturais. O autor segue definindo que essa preocupação explícita com a justiça social e desigualdade linguística são a maior distinção entre a translinguagem e outros termos similares. Há uma preocupação com os direitos e oportunidades dos que são linguisticamente oprimidos.

Como prática pedagógica, valoriza o idioma do aluno permitindo e até encorajando-o a usar e expressar-se em sua língua materna (Poza, 2017). Contudo, até hoje, a injustiça é perpetuada quando estudantes são obrigados a um desempenho escolar igual aos demais em situações de uso de apenas uma língua padrão, ou seja, realizando atividades acadêmicas com menos da metade de seu repertório linguístico. A translinguagem desafia a ideologia monoglóssica que permeia políticas educacionais valorizando o bilinguismo como um recurso e não um problema.

Conforme veremos no próximo subitem, a importância do prefixo *trans-* nos conduz a analisar práticas mais dinâmicas e expansivas de comunicação que vão “além de” línguas autônomas.

#### **6. *Prática Social: as perspectivas fluidas de construção de sentidos.***

A multiplicidade das línguas e a interação e experiência de seus interlocutores apontam para um número crescente de estudos de outros autores e suas ideologias.

Como exemplo temos Canagarajah (2011), que usou o termo *codemeshing* para descrever práticas em que diferentes línguas são usadas na escrita em cursos acadêmicos. O termo refere-se ao uso de palavras estrangeiras com fins retóricos, ou seja, não implica que o usuário seja fluente naquela língua, mas conheça alguns termos do cotidiano e use-os para falar algo retoricamente significativo. Para uma melhor ex-

planação de *codeswitching*, *code-mixing* e *code-meshing* ver Rocha e Maciel (2020, p. 17-18).

Otsuji e Pennycook (2010) mencionam metrolingualismo referindo-se às práticas de multilíngues observadas em centros urbanos. No entanto, contrastando os modos mencionados com a translíngua, distinguimos que todos são pautados no uso de duas línguas nomeadas ou dois códigos separados, enquanto a translíngua se apropria da comunicação além-línguas socialmente nomeadas.

Garcia (2009), com alunos imigrantes da América Latina, e Wei (2011), no Reino Unido, com alunos de origem chinesa, contribuíram para o desenvolvimento do conhecimento sobre a perspectiva fluida da translíngua e juntos, produziram e produzem artigos e publicações de livros quanto aos diferentes contextos bilíngues.

Como resultado dessas experiências, os autores juntos expandem o significado do prefixo *trans-* conforme mencionado na introdução de seu livro com as seguintes considerações quanto a novos aspectos a ele relacionados: primeiramente o *transcender* dos sistemas e espaços, as práticas fluidas que se estendem entre e além das línguas e sistemas educacionais no *meaning-making* conforme os diversos modos e subjetividade. Em segundo lugar, o seu poder *trans-*formador no desafiar das políticas tradicionais para aquela que dá voz ao outro muitas vezes silenciado. Transformador nos diferentes níveis da subjetividade – do cognitivo e estruturas sociais aos de direitos humanos linguísticos e por último, o aspecto *trans-* disciplinar, considerando que as análises de linguagem e o fazer sentido na educação nos conduz à reflexão de que o papel da linguagem na interação e comunicação abrange aspectos da socialização desse modo, transdisciplinar.

Concomitantemente, o termo prática translíngua – referindo-se às práticas híbridas de comunicação – surgiu e passou a ser usado por Canagarajah (2013) considerando que a comunicação e o fazer sentido não se restringem a fala de uma língua nomeada, mas sim a diferentes meios semióticos. O comunicar constitui-se assim em um ato performativo constituído por gestos, movimentos físicos de corpo e face, pela postura e gestos, arranjos físicos e ambiente material. Ademais, considera a ecologia do contexto, em que os participantes e os textos são levados em consideração no fazer sentido. Para o autor, a prática translíngua sugere um ato mais amplo e dinâmico.

Essa orientação reforça a noção de que a comunicação ocorre além da língua, mediante diferentes modos e recursos materiais, semióticos e multimodais conforme o contexto e o ambiente em que os sujeitos estejam envolvidos. Essa expansão do conceito da prática translíngua para repertórios envolvendo o espaço e o tempo é o que Canagarajah (2017) denomina de translanguagem. O translanguagem ultrapassa os recursos verbais, considerando ser necessário avaliar outros recursos semióticos e modalidades que também participam da efetiva comunicação.

Diante de considerações como essas e do panorama de mudanças providas ao longo da história no estudo da linguagem, a sua relação com as práticas sociais atuais, são de grande interesse. Essa perspectiva transcende as línguas nomeadas como um meio na busca por melhores práticas sociais à co-construção da comunicação, envolvendo outros recursos linguísticos-semióticos.

Diante do exposto – com um olhar voltado para as práticas sociais da linguagem e ao encontro entre a diversidade de indivíduos e contextos também superdiversos, estudados por autores que, iniciaram e vêm desenvolvendo relevantes estudos sobre a translanguagem – chego ao fim deste item para apresentar o que pensam e pesquisam os autores brasileiros sobre essa perspectiva que possibilita o uso das práticas translínguas.

### **7. *Estudiosos nacionais e suas considerações quanto à translanguagem***

A contemporaneidade vem marcada por transformações aceleradas em todas as esferas da vida humana. Nas relações, nas ciências e principalmente na era digital. Nesta perspectiva, estão os diversos fatores que influenciaram a mobilidade humana e a facilidade de comunicação entre as pessoas com os avanços da internet, gerando reflexões de estudiosos atrelados às diversas áreas do cotidiano.

Há um crescente interesse nessa área, tendo em vista a publicação de artigos, principalmente de autoria dos estudiosos Doutora Claudia Rocha Hilsdorf (Unicamp), Doutora Maria Inez P. Lucena (UFSC) e Doutor Ruberval Franco Maciel (UEMS).

Rocha e Maciel (2015) reconhecem a necessidade de questionar a noção de língua e linguagem e suas implicações na educação linguística como também nas relações humanas. Em consonância com autores como Garcia (2009) e Canagarajah (2013), contestam os modelos monolíngues

a favor de práticas translíngues e abordagens mais condizentes com a realidade contemporânea. Os autores reconhecem língua como ‘ação e prática’, como também para representar a natureza fluida e interconectada dos repertórios linguísticos que marcam as relações entre as pessoas’ (ROCHA; MACIEL, 2015, p. 431). Convidam a uma postura crítica quanto ao uso da linguagem de acordo com o contexto específico e objetivos particulares, reconhecendo a necessidade de preocupar-se com as relações humanas, a comunicação e o bem estar do outro mediante a pluralidade em era de globalização.

Ainda, comentando sobre essas mudanças sociais decorrentes da complexidade e da superdiversidade decorrentes dos fluxos transnacionais, ao avaliar como a comunicação humana também é impactada pelas tecnologias, em discussão recente quanto à formação e prática docente, os autores Rocha e Maciel (2019) contemplam além da abrangência das práticas multimodais e argumentam:

Diante da intrínseca relação entre as ideologias linguísticas e a reprodução das desigualdades dentro e fora do âmbito educacional, julgamos pertinente discutir interseções entre perspectivas e teorizações que se propõem a romper com os padrões lineares e homogeneizadores frente à língua/linguagem, cultura, conhecimento, como é o caso das abordagens multimodais e translíngues, bem como das teorias de letramentos, a fim de ampliarmos esse debate e possivelmente contribuir para movimentos de ruptura e transformação no campo da educação linguística contemporânea. (ROCHA; MACIEL, 2019, p.124)

Nessa vertente, os autores defendem a ideia da ampliação das ideologias linguísticas para além do cenário da educação a outras práticas comunicativas, considerando que as experiências com línguas/linguagens ocorrem em diversos contextos sociais e culturais e abrem espaço para possibilidades diversificadas de interações e práticas de linguagens bastante dinâmicas que rompem com as formas rígidas e limitadas da ideologia monolíngue das línguas autônomas.

Assim, superadas as reflexões quanto à origem e rumo das perspectivas da translíngua e do contexto da educação de linguagens, os estudiosos passam a considerar outras formas de manifestações de linguagem. Compreendem que toda forma de interação humana e todo processo de construção de sentidos é linguagem em favor da comunicação.

Nesta perspectiva, ponto importante é abordar as questões semióticas que compõem as práticas translíngues. Conforme mencionado, o prefixo *trans-* no transcender das práticas de línguas nomeadas convida à observação das diferentes representações, significados e interpretações

transmitidos ao considerar tudo que está a nossa volta, ou seja, em nossa paisagem linguística, pois transmitem – por meio de signos, símbolos e imagens tradicionais e digitais entre outros – os significados que se constituem em meios e modos de comunicação.

Outro aspecto que merece destaque é o que diz respeito à prática da comunicação em zonas de contato. Em relação a esse aspecto, Rocha e Maciel (2015), alinhados às ideias de Canagarajah (2013, p. 69), afirmam que:

[...] as pessoas adotam “estratégias de negociação, a fim de alinhar uma diversidade de códigos semióticos”, passando a construir, de modo situado, em meio a conflitos e assimetrias, “uma forma híbrida” de comunicação, que mistura diferentes línguas e linguagens, ao mesmo tempo em que sinaliza subjetividades e identidades. (ROCHA; MACIEL, 2015, p. 430)

Os autores, ressaltam, ainda, que:

A perspectiva multimodal encontra-se intimamente relacionada ao campo da semiótica social. A mudança na paisagem semiótica contribuiu para a visibilidade da multimodalidade como fenômeno da comunicação contemporânea. O que era considerada uma função acessória nos estudos de texto, discurso, sentido como aspectos não verbais e sub analisadas tem ganhado destaque e validação na academia. (ROCHA; MACIEL, 2019, p. 128)

Desse modo, a translíngua expande a visão de língua em reconhecer como os diversos recursos semióticos transcendem a comunicação por meio de repertórios sociais – os espaços sociais onde os diversos recursos semióticos, objetos e o espaço interagem. Por esta perspectiva, compreendemos com Pennycook (2017) que a translíngua ultrapassa línguas nomeadas, considerando as inúmeras possibilidades semióticas presentes em uma paisagem linguística nesse relacionamento.

Assim, como professora-pesquisadora, apreendi que a translíngua produz uma educação transformadora e comprometida com a educação linguística, voltada à sensibilidade e empatia humana entre professores e alunos. Assim, rompe com propostas monolíngues e autoritárias, criando uma atmosfera de transformação mais democratizadora e criativa durante a aprendizagem. Na compreensão de Rocha e Maciel (2019)

A educação, de natureza política e transformadora, demanda abordarmos a língua também a partir de um enfoque transgressivo, que possibilita rupturas com visões de língua/linguagem de bases predominantemente estruturalistas. (ROCHA; MACIEL, 2019, p. 121)

Muitas dessas reflexões e afirmações desses estudiosos se apresentam no estudo intitulado, *Translinguagem: um levantamento dos estudos brasileiros*, defendido por Costa (2020), da Universidade Estadual de MS (UEMS), que teve como escopo, analisar as diferentes perspectivas abordadas em pesquisas nacionais mediante uma inter-relação das dimensões propostas por Canagarajah (2017). Essa pesquisa trouxe considerações que possibilitam compreender as diferentes concepções de linguagem além-códigos distintos e autônomos. Ampliam a nossa compreensão de como a diversidade de recursos semióticos e práticas linguísticas emergem para que uma comunicação ocorra.

As pesquisas elencadas e desenvolvidas por autores brasileiros, demonstram a preocupação e o interesse desses estudiosos em investigar questões de comunicação em variados contextos. Como exemplo, em relação ao translingualismo, Maciel e Rocha (2015), já salientavam que

É um conceito que tem ganhado força nos campos de estudos da linguagem e dos letramentos, enfatizando a ideia de zonas de contato e uma orientação mais aberta e dinâmica em relação às línguas, as linguagens e a outros recursos semióticos. (MACIEL; ROCHA, 2015, p. 425)

Os autores (2019) mencionam como a comunicação e a aprendizagem estão intimamente interligadas e são, portanto, ‘processos que se (re) constroem no âmago da produção de sentidos’ (p. 127), tendo em vista que a capacidade de comunicação está presente na vida de todo ser humano.

Desse modo, os conhecimentos e reflexões concernentes aos dados encontrados contribuem com as questões pertinentes a ações pedagógicas, bem como para que entendamos as práticas sociais em uma realidade de constantes transformações no modo de nos comunicarmos.

Ainda, as pesquisas levantadas fora do ambiente educacional, refletem o que o autor Canagarajah (2017) refere como ‘mudança de paradigma’ nas análises e abordagens de outros meios e modos de linguagem mais expansivos e sociais. Ao sintetizar as ideias do autor, Rocha (2019) assevera que

Canagarajah (2017) afirma que as ideologias neoliberais levam a uma forma redutiva de comunicação motivada, principalmente, pelas noções de instrumentalidade e eficiência, enquanto que, em sua versão expansiva, as práticas translíngues favorecem o multilinguismo crítico sendo substituídas por um enfoque translíngue, socialmente situado, ideologicamente estratégico e ecologicamente orientado. (ROCHA, 2019, p. 27)

Assim, compreendo que mobilidade humana e globalização nos apresentaram às questões de mescla entre as línguas, de um constante contato e de transculturalidade semelhante a outras partes do mundo.

## 8. *Considerações finais*

Assim, concluo que a translinguagem é mais que uma teoria, método, conceito ou pedagogia. A temática continua se expandindo em direção à noção pós humanista ou novo materialismo, tratando a comunicação como abrangente “envolvendo diferentes recursos semióticos como também inclui o ambiente ecológico, objetos e outras coisas materiais”<sup>233</sup>. Todos que auxiliam na compreensão de como “o tempo e o espaço moldam a noção de linguagem”<sup>234</sup> (ROCHA; MACIEL, 2020, tradução minha).

Desse modo, pude constatar e compartilhar como a orientação translíngue se manifesta e vai além das línguas autônomas, beneficiando a tudo e todos os envolvidos na comunicação, pois se preocupa com a construção de sentidos sem “menosprezar a estrutura linguística” (ROCHA; MACIEL, 2019, p.138).

Por fim, essa abordagem expansiva além-línguas demonstra como o viver na contemporaneidade é repleto de interações complexas e que a prática da translinguagem faz parte de todo aspecto de interação entre as pessoas mediante a negociação de sentidos, habilidade fundamental da comunicação humana

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANAGARAJAH, Suresh. Translanguaging in the classroom: Emerging issues for research and pedagogy. *Applied Linguistics Review*, p. 1-28, 2011.

\_\_\_\_\_. *Translingual practice: Global Englishes and cosmopolitan relations*. New York & London: Routledge, 2013.

---

<sup>233</sup> Involving a lot of different semiotic resources but also including the ecological environment, objects, and material things. (ROCHA; MACIEL, 2020, p. 21)

<sup>234</sup> Time and space shape language. (ROCHA; MACIEL, 2020, p. 25)

\_\_\_\_\_. Translingual Practice as Spatial Repertoires. Expanding the Paradigm beyond Structuralist Orientations. *Applied Linguistics*, v. 39, n. 1, p. 31-54, 2018. Published 13 nov., 2017. Disponível em: <https://academic.oup.com/applij/article/39/1/31/4626948>. Acesso em: 15 ago. 2019.

COSTA, Gisele Ottoni Tamez da. *Translinguagem: um levantamento dos estudos brasileiros*. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020. 153f.

CUNHA, Celso F.; CINTRA, Luís F. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GARCIA, Ofelia. *Bilingual Education in the 21<sup>st</sup> Century: A Global Perspective*. Malden, MA and Oxford: Basil/Blackwell, 2009.

\_\_\_\_\_. Language policy. In: J. D. Wright (ed.). *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, 2<sup>nd</sup> edition, v. 13. Oxford: Elsevier, p. 353-9, 2015.

GARCIA, Ofelia; WEI, Li. *Translanguaging: Language, Bilingualism and Education*. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

GROSJEAN, Francois. *Life with Two Languages: An Introduction to Bilingualism*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1982. 370p.

MACIEL, Ruberval, ROCHA, Claudia. Diálogos sobre prática e pesquisa translíngues: entrelaçando visões com Suresh Canagarajah. *Revista X*, v. 15, n. 1, p. 7-31, Universidade Federal do Paraná, 2020.

OTHEGUY, Ricardo, GARCIA, Ofeliae REID, Wallis. Clarifying translanguaging and deconstructing named languages: A perspective from linguistics. *Applied Linguistics Review* 6(3): 281-307. 2015.

OTSUJI, Emi; PENNYCOOK, Alastair. Metrolingualism: Fixity, Fluidity and Language in Flux. *International Journal of Multilingualism*. <https://doi:10.1080/14790710903414331>. 2010.

PENNYCOOK, Alastair. Translanguaging and semiotic assemblages. *International Journal of Multilingualism*, 14:3, 269-282. <https://doi:10.1080/14790718.2017.1315810>. 2017.

POZA, L. Translanguaging: definitions, implications, and further needs in burgeoning inquiry. *Berkeley Review of Education*, v. 6, n. 2, p. 101-

28, 2017. Disponível em: [http://escholarship.org/uc/ucbgse\\_bre](http://escholarship.org/uc/ucbgse_bre). Acesso em: 20 jun. 2019.

ROCHA, Cláudia Hilsdorf. Educação linguística na liquidez da sociedade do cansaço: o potencial decolonial da perspectiva translíngua. *DELTA*, v. 35, n. 4, e 2019350403, São Paulo, 2019.

ROCHA, Claudia; MACIEL, Ruberval. Ensino de língua estrangeira como prática transgênea: articulações com teorizações bakhtinianas. *DELTA*, v. 31, n. 2, São Paulo, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4450437081883001191>. Acesso em: 25 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Multimodalidade, letramentos e translanguagem: Diálogos para a educação linguística contemporânea. In: SANTOS, Leandra Inês Seganfredo; MACIEL, Ruberval Franco. (Orgs). *Formação e prática docente em língua portuguesa e literatura*. Campinas: Pontes, 2019. p. 117-44

SINCLAIR, John (Ed.). *Collins COBUILD English Grammar*. Harper-Collins Publishers, London and Glasgow, 1990.

VOGEL, S.; GARCIA, O. Translanguaging. In: NOBLIT, G.; MOLL, L. (Eds). *Oxford Research Encyclopedia of Education*. Oxford: Oxford University Press, 2017. Disponível em: [https://academicworks.cuny.edu/gc\\_pubs/402/](https://academicworks.cuny.edu/gc_pubs/402/). Acesso em: 08 maio 2019.

WEI, Li. Translanguaging as a Practical Theory of Language. *Applied Linguistics*, v. 39, n. 1, p. 9-30, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/applin/amx039>. Acesso em: 23 jun.2018.